

PEDAGOGIA, GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL? O QUE DIZEM AS PESQUISAS DO IBICT (2004-2018)

Nilson Sousa Cirqueira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

José Valdir Jesus de Santana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Flávia Cristina Batista Caires

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Reginaldo Santos Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Esse trabalho teve como foco de análise recuperar alguns trabalhos produzidos no cenário nacional, os quais têm problematizado a formação docente com base nas relações de gênero no curso de Pedagogia. O procedimento utilizado para a busca de trabalhos que convergissem com a temática foi feita na *web*, mais precisamente na biblioteca digital do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). O período de busca e seleção dos trabalhos que convergem com a temática abarcou pesquisas do ano de 2004 até 2018. Após as análises dos trabalhos é perceptível que a maioria dos (as) docentes possuem alguma familiaridade com a temática e admitem ainda ser problemático os discursos heteronormativos, biológicos e religiosos, pois excluem pessoas e causam sofrimento. De outro lado, as pesquisas também revelam a presença de discursos de docentes que não reconhecem a diferença.

Palavras-chave: Gênero. Pedagogia. Sexualidade.

Introdução

Ao se considerar a Pedagogia um espaço predominantemente feminino e entender que as questões de gênero que atravessam esse curso acabam influenciando a inserção de homens nesse ambiente, acreditamos ser primordial abordarmos como o gênero tem influenciado na formação dos futuros profissionais para atuarem na educação básica do país. Como a formação desse profissional tem incorporado discussões de gênero? Será que esses (as) profissionais estão aptos a exercerem suas funções, uma vez que na sua trajetória de vida e formação foram imersos em valores, preconceitos, discriminações, exclusões? Para isso, fizemos a análise de alguns

trabalhos produzidos no cenário nacional, os quais têm problematizado a formação docente com base nas relações de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia.

O procedimento utilizado para a busca de trabalhos que convergissem com a temática foi realizada na *web*, na base de dados da biblioteca digital do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). O período de busca e seleção dos trabalhos que convergem com a temática abarcou pesquisas de 2004 estendendo-se até o ano de 2018. Utilizamos como palavras-chave para a busca dos trabalhos os seguintes descritores: “gênero, formação de professores, Pedagogia”; “educação, gênero e Pedagogia”; “Pedagogia, gênero, estudantes e discursos”. Para a triagem dos textos, consultamos os títulos, resumos e palavras-chave; daqueles que convergiam com a nossa temática fizemos a leitura completa dos resumos, a metodologia e os resultados. No quadro a seguir apresentamos as pesquisas encontradas e posteriormente as suas análises.

1. Pesquisas que abordam formação docente e relações de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia no IBICT

Quadro 1- Trabalhos encontrados no IBICT (2004-2018)

Autor(a)	Título	Ano	Tipo de publicação
Adriana Regina de Jesus	Gênero e docência: infantilização e feminização nas representações dos discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina	2009	Tese
Alissandra Hampel	“A gente não pensava nisso...”: Educação para a sexualidade, gênero e formação docente na Região de Campanha/RS	2013	Tese
Flávia Goulart Pereira	Homens no curso de Pedagogia: “as razões do improvável”	2013	Dissertação
Gleiton Silva de Sales	Representações de gênero: um estudo de caso no curso de pedagogia do Campus XIII (Itaberaba – BA), da Universidade do Estado da Bahia	2016	Dissertação

Greissy Leôncio Reis	O gênero e a docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas	2011	Dissertação
Neiva Maria Rodrigues Silva	Relações de gênero e sexualidades na formação docente: (des)construção de saberes das graduandas do curso de Pedagogia	2017	Dissertação
Roney Polato de Castro	Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero e sexualidades e formação em Pedagogia	2014	Tese
Tatiane de Lucena Lima	Identities, currículo e formação docente: um estudo sobre implicações de gênero em práticas educativas de estudantes de Pedagogia	2018	Dissertação

Fonte: Elaborado pelos/a autores/a (2021)

Para iniciarmos, analisamos a tese de Jesus (2009) *Gênero e docência: infantilização e feminização nas representações dos discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina* teve como pretensão identificar, por meio das falas dos(as) discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), as representações que se têm em relação ao gênero e à docência. Utilizou-se como metodologia de pesquisa a abordagem qualitativa, tendo como parâmetro a Análise do Discurso (AD), com base em teóricos como Orlandi (1989), Pêcheux (1988, 1990), Putnam e Fairhurst (2001). Como procedimentos investigativos, empregou-se a pesquisa de campo com relatos orais e produção de desenhos e textos pelos(as) discentes, a análise documental de jornais da cidade de Londrina, Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia, atas de reuniões do departamento de Educação da UEL.

Os sujeitos pesquisados foram alunos(as) dos quatro anos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, totalizando 185 mulheres e 07 homens. Segundo Jesus (2009), foram feitos dois encontros com cada turma, o primeiro para produzir relatos orais, produção de desenhos e textos dos(as) estudantes, já o segundo encontro foi com o propósito de apresentar as falas dos(as) discentes através de gráficos, mostrando palavras que mais foram ditas pelos(as) estudantes no momento da discussão em grupo. Assim, a pesquisadora verificou que a maioria dos(as) estudantes do curso de Pedagogia da UEL de Londrina relacionam a

docência com aspectos de feminização, bem como de infantilização; outra descoberta foi que a presença predominante das mulheres no curso não é resultado inesperado, aleatório. Porém, Jesus (2009) argumenta que, mesmo confirmando suas hipóteses acerca do resultado obtido, é preciso que esse espaço da docência saia do silêncio e comece a ser lugar de discussão nos currículos dos cursos, pois a sociedade entende que atualmente o elo entre gênero e docência é um construto social atravessado de ideologias, princípios e relações de poder que constituem o imaginário social e as representações que os sujeitos fazem de uma dada sociedade.

Jesus (2009) conclui que é necessário ressaltar que os currículos dos cursos de Pedagogia, tanto no contexto londrinense como de outras regiões do país, necessitam ser compreendidos como um território a ser contestado diariamente, pois é “através dele que se pode pensar e legitimar o conhecimento que se pretende: para quem, para quê e como, tendo como parâmetro a visão de mundo, de sociedade e de educação em que se acredita” (p. 180).

A pesquisa da professora Alissandra Hampel (2013), que culminou com a tese intitulada “*A gente não pensava nisso...*”: Educação para a sexualidade, gênero e formação docente na Região de Campanha/RS, estabeleceu como foco de investigação analisar a importância da inclusão de temas como gênero e sexualidade na formação de professores(as) da Região de Campanha, na perspectiva de uma educação para a sexualidade.

Hampel (2013) seguiu a abordagem qualitativa respaldada nos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, a partir da perspectiva pós-estruturalista. Utilizou a entrevista semiestruturada e a técnica do grupo focal com 12 (doze) mulheres e 1 (um) homem, alunos(as) formandos(as) do oitavo semestre do Curso de Pedagogia da Universidade da Região da Campanha (URCAMP). Também foram pesquisados os currículos dos cursos de Pedagogia, bem como os currículos dos cursos de formação docente em nível médio da região, a fim de verificar se os mesmos possuíam disciplinas voltadas para as questões de gênero, sexualidade e diversidade.

Como resultados, Hampel (2013) conseguiu constatar que onde a pesquisa se desenvolveu poucas são as iniciativas organizadas por parte das instituições educativas ou mesmo sanitárias que se preocupassem, no município de Bagé, em propor ou apresentar programas que atendam a esta demanda. Sabe-se por meio de dados da Secretaria de Educação do Município e da Coordenadoria Estadual de Educação que poucos são os recursos e até mesmo os(as) profissionais para se realizar alguma intervenção nesta área. Ao analisar as políticas de formação contidas no projeto pedagógico do curso de Pedagogia, a autora percebeu uma

discreta intenção de abertura de espaços para a discussão de questões relacionadas ao gênero e a sexualidade, porém este espaço era bastante limitado em relação aos conteúdos que permeavam tais propostas. Para ela, são incipientes os espaços concedidos ao tema, apesar das Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia, definidas em 2006, fazerem várias referências à inserção desta temática nos cursos de formação.

Ainda segundo a autora, é importante entender que a escola, assim como a universidade, é um espaço fundamental de formação e que os discursos e práticas por elas veiculados afetam modos de ser e estar no mundo, trazendo a possibilidade de refletir sobre tal espaço educativo, revendo suas ações, suas estruturas, seus conceitos e poderes.

Hampel (2013) aponta que as narrativas transcritas sinalizam a indispensável situação de revermos os currículos de formação docente e seus reflexos nas práticas escolares. Os cursos não falam, não orientam, não debatem gênero, sexualidade e, por consequência, num efeito cascata, isto também não acontece na escola. Ademais, para a pesquisadora, as narrativas apresentadas no trabalho comprovam a fragilidade em que os temas gênero e sexualidade pouco são apontados nos cursos de formação da URCAMP.

Pode-se verificar por meio dos resultados do estudo de Hampel (2013) que os sujeitos formados nos cursos de formação daquela região foram para o exercício da docência com grandes deficiências acerca das questões de gênero e sexualidade. Nesse sentido, não é exagero prever que esses(as) profissionais não terão o mínimo de competência para conseguir lidar com situações envolvendo esses temas, reforçando a premissa de que eles(as) irão fazer uso do conhecimento de senso comum quando forem problematizar essas questões (inevitáveis) no contexto da sala de aula. Por isso, a importância de se discutir esses temas nos cursos de formação, porém, como nos relata Hampel (2013), não basta simplesmente inserir nos currículos as temáticas, pois isso não garantirá, necessariamente, alterações positivas no contexto escolar.

É importante ressaltar que é necessário não apenas inserir esses conteúdos nos currículos de formação de professores(as), mas é primordial preparar os(as) professores(as) de maneira que sejam capazes de proporcionar na sua prática pedagógica discussões, debates, roda de conversas, seminários, para que sejam problematizadas essas questões nas universidades e consequentemente nas escolas, porque só assim estaremos contribuindo para o respeito à diversidade que tanto almejamos.

A dissertação de Pereira (2013), intitulada *Homens no curso de Pedagogia: “as razões do improvável”*, teve como cerne investigar o papel do gênero na escolha do curso superior e da profissão docente, bem como compreender sociologicamente como se dá o processo de escolha de um curso superior e que fatores são determinantes nessa tomada de decisão. Metodologicamente, foi realizada a pesquisa qualitativa e quantitativa. Como instrumentos metodológicos foram utilizados o questionário, a entrevista semiestruturada em profundidade e a técnica do grupo focal, com 33 estudantes homens do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pereira (2013) argumenta que a escolha pelos homens que cursavam a Pedagogia como objeto de estudo se justifica pelo fato de ser esse curso uma escolha estatisticamente improvável por eles, o que representa um caso oportuno “para a discussão do gênero na escolha do curso superior, uma vez que, a partir da ‘exceção à regra’, as pressões sociais podem se revelar de maneira mais clara” (p. 37).

Nos resultados, Pereira (2013) observou que o gênero na visão dos discentes não é um fator preponderante na hora da escolha do curso superior, no caso a Pedagogia. Para a autora, mesmo não tendo um caráter conclusivo nesse sentido, é possível inquirir em que medida essa negativa poderia ser uma espécie de “blefe” relacionado novamente às expectativas sociais sobre quais profissões homens e mulheres devem ocupar. Por outro lado, podemos inferir que isso pode ser entendido também “como uma forma de resistência confrontando os discursos sociais e culturais – permeados pelas relações de gênero e poder” (CASTRO; SANTOS, 2016, p. 59), já que em alguma medida admitir que foi feita uma escolha atípica pode ser algo desconfortável para eles, mesmo que de forma inconsciente. Nesse sentido, mesmo havendo uma negativa dos sujeitos em declarar que o gênero é um agente influenciador na escolha do curso superior, Pereira (2013) chega à conclusão de que a dimensão do gênero, em geral, parece anteceder a escolha do curso superior.

As pesquisas de Rabelo (2009) e Cirqueira (2016) revelam justamente isso que Pereira (2013) constatou na sua pesquisa, segundo os autores, as motivações da escolha profissional dos professores são influenciadas por fatores extrínsecos (relacionados com o contexto dessa atividade, como a empregabilidade; rentabilidade; necessidade de emprego; a falta de oportunidades; falta de opção) e os fatores intrínsecos (o gosto pela profissão e pela transmissão de conhecimento; o gosto por crianças; a escolha motivada pelo exemplo da família, de um amigo ou de um professor). Pereira (2013) conclui afirmando esperar que a dimensão do gênero prossiga sendo mais explorada e debatida nos cursos superiores e nos trabalhos investigativos.

Sales (2016), em sua dissertação intitulada *Representações de gênero: um estudo de caso no curso de pedagogia do Campus XIII (Itaberaba – BA), da Universidade do Estado da Bahia*, norteado pelos Estudos Feministas e buscando uma aproximação com os Estudos Culturais, realizou um levantamento das representações de gênero construídas por estudantes do curso de Pedagogia do Campus XIII, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Metodologicamente, o autor seguiu a perspectiva qualitativa e como método de pesquisa o estudo de caso com 10 (dez) estudantes homens e mulheres matriculados no curso de Pedagogia. Foram aplicados questionários e feitas entrevistas semiestruturadas com os(as) discentes, além da análise do Projeto Curricular do curso de Pedagogia, a fim de compreender como as questões relacionadas à formação de gênero eram possivelmente colocadas. Como resultados, Sales (2016) percebeu que a estrutura curricular do curso de Pedagogia reserva pouco espaço para discutir gênero como categoria de análise histórica e social; notou também que a formação para o gênero vai depender muito da vontade do(a) estudante, no espaço voltado às Atividades Acadêmicas Científico Culturais, em que ele(a) precisa comprovar ao Colegiado de Curso um mínimo de 200 horas. Por fim, de acordo com Sales (2016), percebeu-se que as representações levantadas mostraram, por um lado, vertentes essencialistas e, por outro, vertentes que pluralizavam os gêneros, evidenciando representações em trânsito rumo a perspectivas mais equitativas de gênero.

O trabalho *O gênero e a docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas*, da autoria de Reis (2011), teve como objetivo analisar as relações de gênero na formação inicial do(a) professor(a) do Curso Normal Médio do Instituto de Educação Euclides Dantas, em Vitória da Conquista, Bahia. Trata-se de um estudo ancorado no campo das epistemologias feministas. Do ponto de vista metodológico, Reis (2011) optou pela observação *in loco* com registros fotográficos, entrevistas com as docentes formadoras selecionadas para a pesquisa e a aplicação de oficinas com os(as) estudantes do Normal Médio e a análise do Projeto Político Pedagógico e da Matriz Curricular do referido curso, buscando analisar até que ponto a Escola Normal de Vitória da Conquista tem preparado as(os) estudantes do Normal Médio para trabalhar questões de gênero e orientação sexual conforme orientações dos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (REFCEI) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (PCN-EF).

Os resultados obtidos permitiram constatar que o nível de conhecimento dos(as) estudantes do Normal Médio sobre conceito de gênero e relações de gênero, e da importância

de se trabalhar essa temática na educação, desde a educação infantil, é muito superficial, quase inexistente, consequência do incipiente trabalho pedagógico que é desenvolvido na instituição. Para agravar mais ainda, a pesquisa revelou que as práticas pedagógicas dos(as) professores(as) formadores(as) do curso Normal Médio reproduzem ideologias de gênero androcêntricas. Segundo Reis (2011), foi possível identificar a carência de uma formação adequada das professoras formadoras no que concerne às questões de gênero e sexualidade, situação que culmina com a inexistência de um trabalho planejado e sistematizado quanto à abordagem destas temáticas junto às turmas do Normal Médio, conforme recomendações dos REFCEI e PCN-EF e séries iniciais do Ensino Fundamental, respectivamente.

Depois de confrontar os resultados da pesquisa de campo com o referencial teórico, a autora percebeu elementos que sugerem uma abordagem de gênero inadequada na formação inicial do(a) professor(a) do Curso Normal Médio do IEED de Vitória da Conquista, situação que contribui para a manutenção de práticas sexistas e a reprodução de estereótipos e assimetrias de gênero no contexto escolar.

No que concerne à Matriz Curricular e ao Projeto Político Pedagógico (PPP) do Normal Médio, evidenciou-se que não há menção alguma sobre as questões de gênero e sexualidade. Reis (2011) percebeu que a abordagem de gênero é algo marginal no curso de formação para o magistério do IEED, haja vista que nem mesmo os materiais de referência disponibilizados pelos órgãos de governo, como os Referenciais para a Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais para as séries iniciais do Ensino Fundamental (PCV-EF) são utilizados para o estudo e trabalho dessas questões, ou seja, uma realidade que contribui com a manutenção de práticas educativas sexistas.

Essa realidade que Reis (2011) encontrou no seu trabalho infelizmente é algo comum em muitas instituições pelo país. Na atual conjuntura social, a ausência de formação sobre essas questões não pode mais ser tolerada, já que fazemos parte de uma sociedade em que constantemente se ouve discursos acerca da diversidade na mídia, nas políticas públicas, em seminários, em debates – a falta desses temas nos cursos de formação não pode ser negligenciada. Atualmente as pessoas estão tendo mais liberdade para “assumir suas identidades, sejam elas de gênero, de raça, de classe, de religião etc. Nessa perspectiva, não há como se pensar em uma formação sem que esses aspectos da vida humana sejam levados em consideração” (REIS, 2011, p. 142).

A dissertação *Relações de gênero e sexualidades na formação docente: (des)construção de saberes das graduandas do curso de Pedagogia*, de Silva (2017), problematizou as experiências construídas pelas discentes do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Formiga acerca da temática gênero e sexualidades articuladas à implantação da disciplina Educação e Diversidades na formação inicial das estudantes e futuras docentes. O trabalho foi uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e descritiva, desenvolvida com discentes mulheres do 3º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Formiga (CUF). Como instrumentos de coleta de dados a autora adotou o uso do diário de bordo e as narrativas produzidas pelas discentes durante as discussões nos cinco encontros planejados por ela através de distintos artefatos culturais. Silva (2017) relata que ela fez também o uso do diário de bordo para registro de observações, percepções e vivências experimentadas por ela durante as práticas sugeridas.

Nos resultados, por meio dos relatos das discentes, Silva (2017) percebeu a necessidade de promover discussões relacionadas às questões de gênero e sexualidades, posto que diversas narrativas apresentaram o discurso hegemônico relacionado às representações culturais, ao que está socialmente construído e, como consequência, uma fragilidade de argumentação, demonstrando déficit de saberes capazes de capacitar as graduandas para futuras práticas educativas. A pesquisadora verificou também várias narrativas demonstrando a reprodução de discursos normativos e disseminados pela sociedade, se não destruídos, legitimam verdades, validam certos comportamentos e desqualificam outros.

Por fim, foi possível perceber no trabalho de Silva (2017) que a inserção de uma única disciplina no currículo do curso de Pedagogia no contexto em que foi feita sua pesquisa não tem a capacidade de solucionar a complexidade do problema daquela localidade. Apesar disso, conforme a autora, o desafio está posto e há a necessidade de buscar nas pequenas revoluções diárias o enfrentamento necessário à mudança de paradigmas impostos pela sociedade.

A tese de Castro (2014), sob o título *Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero e sexualidades e formação em Pedagogia*, teve como foco analisar as experiências construídas em uma disciplina do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, denominada “Tópicos Especiais: Gênero, Sexualidade e Educação”. Nessa pesquisa, Castro aborda algumas questões inerentes aos processos de formação docente nas universidades e as particularidades desse debate no que se refere ao trabalho docente com as

temáticas envolvendo as relações de gênero e sexualidades em disciplinas nos currículos de Licenciatura em Pedagogia.

Metodologicamente, o autor inspirou-se nos estudos pós-estruturalistas das relações de gênero, sexualidades e educação e os estudos foucaultianos, em especial os escritos sobre experiências resultantes do pensamento do filósofo Michel Foucault e do educador espanhol Jorge Larrosa. Como dispositivo para coleta dos dados, Castro (2014) serviu-se dos diários de bordo com as narrativas, reflexões, provocações geradas nas aulas da disciplina “Tópicos Especiais: Gênero, Sexualidade e Educação” ministrada pelo próprio pesquisador no curso de Pedagogia da UFJF, análise documental de documentos relacionados ao curso de Pedagogia que envolvia a proposta de formação do curso e seu currículo e organização.

Segundo Castro (2014), a escolha por trabalhar com narrativas significa tentar captar os “modos de constituição dos sujeitos, os processos de subjetivação que voltam os sujeitos para si mesmos e as experiências construídas desde a sua inserção em redes discursivas e relações de poder” (p. 43). Para o autor, isso só foi possível através de sua “convivência” com as discentes, esse termo foi criado por ele para narrar suas experiências, conversas, histórias, conflitos, alianças, discordâncias, negociações que possibilitaram-lhe a realização do trabalho. Para Castro (2014), o tema basilar que movimentou todo o seu trabalho atribui a um debate que na sua visão é vigente nos cursos de formação de professores(as) em todo o país: a constituição de sujeitos docentes, nas sexualidades e gêneros. Quando o autor se refere a esses temas, ele não quer simplesmente que indaguemos por uma verdade absoluta sobre eles, sobre qual seria o(a) professor(a) ideal, a instituição de ensino ideal, o currículo de formação de professores(as) mais apropriado ou mais correto, mas provocar proposições sobre as redes que nos aprisionam e nos fazem pensar e comportar-nos de certas maneiras, sendo educadores(as) e educandos(as).

O autor problematiza também temas sobre a questão da homossexualidade, atravessada pela heteronormatividade¹ e pela homofobia² cada vez mais presente em nossa sociedade e com iminente aumento por causa do atual contexto que estamos vivenciando; o discurso religioso-

¹ “[...] Conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1993) para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (DINIS, 2011, p. 42).

² “A homofobia [...] transcende tanto aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos etc. Diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero” (JUNQUEIRA, 2009, p. 375).

cristão como instância de assujeitamento e normatização moral, pois esse discurso também pode crescer pelo mesmo argumento já mencionado, as relações de gênero, a constituição de subjetividades e as relações de poder que submetem e contribuem para o machismo e a violência contra as mulheres.

Todos esses temas problematizados por Castro (2014) tornaram-se atualmente dispositivos de ferrenhos debates nas mídias, nas redes sociais, nos discursos políticos e religiosos e têm gerado desconforto na maioria da sociedade, pelo fato de estarmos sob a liderança de um presidente que na sua trajetória como político tem demonstrado ser um sujeito machista, LGBTfóbico.

Nos resultados, o autor não nos apresenta achados alcançados, ele nos traz mais questionamentos do que pretensas verdades. Para o pesquisador, as análises feitas das narrativas das discentes têm a pretensão de provocar indagações que atravessem as relações entre formação docente nas universidades e as temáticas das relações de gênero e sexualidades. Conforme Castro (2014), sua pesquisa tem a finalidade de provocar em quem a lê outros questionamentos, de acordo com as nossas próprias descobertas, convicções, identificar prováveis fissuras ou perguntas que estimulem outras formas de reflexão, reconhecendo que existem diversas maneiras de pensar sobre o mundo e de utilizar dispositivos conceituais e teorizações. “A poética desta tese, portanto, está em preencher o ‘vazio’ entre ela e quem se coloca na experiência de sua leitura, certa incompletude preenchida ao acionar-se outras leituras, imagens, discursos, referenciais” (CASTRO, 2014, p. 240).

Sobre a pergunta que norteou todo o trabalho de Castro: *que experiências de formação docente em Pedagogia são produzidas na disciplina Tópicos Especiais: Gênero, Sexualidade e Educação?* o autor argumenta que não encontrou uma única resposta, quem sabe algumas respostas advindas das(os) discentes e das relações que ambos(as) constituíram com as trajetórias da disciplina.

Ao finalizar, Castro (2014) expõe que o ponto final necessário da sua pesquisa deixa hiato para algumas problematizações que fomentam debates acerca da formação docente, ele ainda nos deixa algumas questões a serem problematizadas, tais como: deve mesmo existir disciplinas ‘específicas’ para abordar relações de gênero e sexualidades na educação? A discussão deve ser ‘específica’ ou ser ‘mais geral’, no âmbito de uma ‘educação para a diversidade’? Quando há disciplinas que discutem as relações de gênero e sexualidades, elas devem ser obrigatórias? O que nos revela o fato de haver espaços

diferenciados para distintas temáticas, algumas com disciplinas obrigatórias e outras apenas na condição de opcionais? Essa discussão não é importante para a formação das(os) futuras(os) profissionais de Pedagogia? Importa apenas para aquelas(es) que estão dispostas(os) a pensá-las?

São questões que nos inquietam e nos fazem pensar se os cursos de formação docente têm inserido e discutido essas temáticas nos seus currículos, se as discussões são mais restritas a uma certa disciplina e se essa especificidade tem investido na problematização das diferenças ou reforçado ainda a sua posição de subalternidade na hierarquia dessas desigualdades (CASTRO, 2014). Nesse contexto, nos angustia também saber se os cursos de formação de professores(as) têm formado profissionais que na sua prática pedagógica respeitem as diferenças, a pluralidade e contribua para a formação de cidadãos(as) menos preconceituosos. É um desafio, porque sabemos que a tendência é o boicote da discussão desses temas nas instituições de ensino, ainda mais com o aval da principal liderança política do país.

Lima (2008), cujo título é *Identidades, currículo e formação docente: um estudo sobre implicações de gênero em práticas educativas de estudantes de Pedagogia*. A pesquisa propõe uma análise tomando gênero como categoria analítica central, as narrativas de estudantes de Pedagogia e também professores(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental, as concepções de gênero e suas consequências no exercício de suas práticas educativas. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, empregou-se o estudo de caso como método investigativo com 10 (dez) estudantes do quarto semestre do curso de Pedagogia da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), sendo 9 (nove) mulheres e 1 (um) homem; para a coleta dos dados usou-se a técnica do grupo focal, entrevista individual semiestruturada e a análise documental. A análise documental foi utilizada para analisar a Proposta Pedagógica do Curso de Pedagogia e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia.

Nos resultados, a autora constatou que há na fala dos sujeitos investigados uma revelação de discursos inclinados a concepções biologizantes de gênero e naturalização dos estereótipos sexistas, muito embora apareçam discursos em prol da equidade de gênero na sala de aula. Os(as) estudantes apresentam, em sua maioria, concepções de gênero baseado no senso comum, revelando uma visão essencialista de homem e de mulher. Conforme Lima (2008), 50% dos(as) entrevistados(as) ainda apresentam uma consciência ingênua ao tratar das desigualdades de gênero. Os resultados apontaram, ainda, que as práticas educativas dos(as) estudantes investigados(as), em sua maioria, não se opõem às discriminações de gênero, ainda

que alguns discursos incentivassem o relacionamento mútuo entre meninas e meninos no momento das brincadeiras e na sala de aula.

Podemos perceber que esses(as) profissionais que não se opõem às discriminações de gênero na sua prática pedagógica são aqueles(as) que ainda não tiveram contato com as questões de gênero no seu processo formativo. Segundo dados da própria autora, a maioria deles(as) são oriundos do antigo magistério. Reis (2011) nos chama a atenção justamente sobre essa situação, pois “esse fato de as (os) estudantes não conhecerem o significado do conceito de gênero pode ser atribuído à falta de formação (ou mesmo de informação) sobre essas questões, no curso de magistério” (p. 142). Porém, é bom frisar que, hoje, nos atuais cursos de formação de professores, como, por exemplo, a Pedagogia, ainda há uma ausência de discussões sobre temas relacionados a gênero e sexualidade nos seus currículos. Quando nós desconhecemos temas que são centrais para promover as desigualdades, discriminações, preconceitos na sociedade, acabamos fomentando na nossa prática pedagógica que tais práticas sejam manifestas.

É controverso incentivarmos que práticas discriminatórias não ocorram no dia a dia da nossa sala de aula se nós não temos conhecimento teórico acerca dos conteúdos que são agentes para a prática da discriminação. Se não conhecemos, como vamos confrontar, argumentar, inibir, desconstruir um padrão preconceituoso que muitos dos nossos educandos trazem de casa, da sua família? Ainda que possa ocorrer a inibição de práticas discriminatórias nas nossas escolas, “[...] tal incentivo se dilui, na maioria das vezes, na resistência das próprias crianças que, já introjetaram, desde cedo, sob o aval fiel da família, da sociedade [...] os preconceitos de gênero que toda a sociedade testemunha” (LIMA, 2008, p. 170).

Em relação à Proposta Pedagógica, Lima (2008) constatou que o curso aborda a questão de gênero numa disciplina nomeada pluralidade cultural, no entanto, ela afirma que mesmo com essa disciplina no currículo do curso existe uma insuficiência no tocante à discussão das relações de gênero. A autora encerra argumentando que quando os cursos de formação de professores assumirem um currículo multicultural que abarque discussões sobre gênero, os educadores(as) tornar-se-ão aptos para experimentar a contingência em sala de aula, livres de “armadilhas pedagógicas” fixas e obsoletas; enfrentar as contradições sociais, produzindo debates vivos acerca das desigualdades, “permitir a desestabilização do pensamento simplista no exercício da compreensão das diferenças; comprometer-se politicamente com uma formação mais humana, cidadã e plural” (LIMA, 2008, p. 173).

Considerações Finais

Após as análises dos trabalhos é perceptível que a maioria dos (as) professores (as) possuem alguma familiaridade com a temática e admitem que os discursos heteronormativos, biológicos e religiosos são problemáticos, pois excluem pessoas e causam sofrimento. Contudo, os pesquisadores encontraram também a presença de discursos docentes que não reconhecem a diferença. Diante disso, podemos inferir que o grande desafio na educação talvez mantenha-se o mesmo, o de repensar o que é educar, como educar e para que educar para as relações de gênero e sexualidade tem como princípio o reconhecimento das diferenças.

Considerando a investigação bibliográfica aqui discutida, percebe-se que os estudos e as problematizações acerca da formação docente a partir das relações de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia estão condensados na área da educação e ancorados nas categorias de gênero, formação docente, relações de gênero e sexualidade, currículo, educação, discursos, subjetivação, representações, Pedagogia, identidades, sexualidade e conhecimento.

Referências

- CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia**. 2014. 256f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Juiz de Fora, 2014.
- CASTRO, Roney Polato de; SANTOS, Vinícius Rangel dos. Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 7, n. 1, p. 53-76, jan./jun. 2016.
- CIRQUEIRA, Nilson Sousa. **A presença masculina na educação infantil: diversidade e identidades na docência**. 2016. 60f. Monografia (Pedagogia) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Itapetinga- BA, 2016.
- DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04>>. Acesso em: 25 dez. 2018.
- HAMPEL, Alissandra. **“A gente não pensava nisso...”**: educação para a sexualidade, gênero e formação docente na região da Campanha/RS. 2013. 302f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013.

IBICT. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**, 2018.

JESUS, Adriana Regina de. **Gênero e docência**: infantilização e feminização nas representações dos discentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina. 2009. 287f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.) **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 367-444.

LIMA, Tatiane de Lucena. **Identidades, currículo e formação docente**: um estudo sobre implicações de gênero em práticas educativas de estudantes de Pedagogia. 2008. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, 2008.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: Congresso de Leitura do Brasil, 16, 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2007.

PEREIRA, Flávia Goulart. **“Homens no curso de Pedagogia**: as razões do improvável”. 3013. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação, Belo Horizonte, 2013.

RABELO, Amanda. **A figura masculina na docência do ensino primário**: Um corpo estranho no cotidiano das escolas públicas primárias do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. 2008. 561f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Aveiro. Aveiro-Portugal, 2008.

REIS, Greissy Leoncio. **O gênero e a docência**: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas. 2011. 194f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Salvador, 2011.

SALES, Gleiton Silva de. **Representações de gênero**: um estudo de caso no curso de pedagogia do *Campus XIII* (Itaberaba-BA), da Universidade do Estado da Bahia. 2016. 261f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia Departamento de Educação – DEDC/*Campus I* Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Salvador, 2016.

SILVA, Neiva Maria Rodrigues. **Relações de gênero e sexualidades na formação docente**: (des)construção de saberes das graduandas do curso de Pedagogia. 2017. 100f. Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras. Lavras-Minas Gerais, 2017.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Nilson Sousa Cirqueira

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – *Campus* de Vitória da Conquista-Bahia. Graduado em Pedagogia pela UESB. Membro do Grupo de Pesquisa: Infância, Educação e Contemporaneidade. E-mail: nilsonmestradoesb@outlook.com.br

José Valdir Jesus de Santana

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade e no Programa de Pós-Graduação em Ensino da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Etnicidades, Relações Raciais e Educação. E-mail: santanavaldao@yahoo.com.br

Flávia Cristina Batista Caires

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – *Campus* de Vitória da Conquista-Bahia. Graduada em Pedagogia pela UESB. Professora Assistente do curso de Pedagogia da UESB. E-mail: flavia.caires@uesb.edu.br

Reginaldo Santos Pereira

Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq: Infância, Educação e Contemporaneidade. E-mail: reginaldousesb@gmail.com